

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos diversos settings terapêuticos, as formas de silêncio, aqui apresentadas na visão de diferentes teóricos, são passíveis de aparecer tanto nos atendimentos individuais quanto nos grupais. Entretanto, em se tratando de setting musicoterapêutico, suas manifestações ocorrem não somente no verbal ou no corporal, tais como nos outros espaços terapêuticos, mas também no sonoro-musical, o que amplia muito suas possibilidades de existência, refletindo, sobremaneira, na escuta do musicoterapeuta.

Independentemente de ser atendimento individual ou grupal, deve-se considerar que cada silêncio tem suas próprias especificidades, cabendo ao musicoterapeuta, por meio de sua escuta, identificá-lo e, quando necessário, clarificá-lo, facilitando ao cliente fazer contato com o seu silêncio enquanto expressão única e singular, carregada de conteúdos.

Este artigo propôs estudar as várias formas de silêncio passíveis de aparecer no contexto da Musicoterapia, considerando a "unidade som-silêncio" o elemento fundante desta terapêutica e a música, com seus sons e silêncios, o seu diferencial. Faz-se necessário, portanto, acolher o silêncio em nosso setting como algo natural e fecundo, proporcionando-lhe o espaço necessário para que sejam desvelados seus sentidos e significados. Somente assim, conseguiremos

harmonizar sons, ruídos e silêncios;

harmonizar ritmos regulares e irregulares;

harmonizar as diversas intensidades: fortes, fortíssimos, pianos e pianíssimos...

harmonizar consonâncias e dissonâncias.

Finalmente, harmonizar nossa música com a música do outro, por meio de uma escuta vivificante e eficaz e, assim, realizar um encontro verdadeiro entre musicoterapeuta e cliente.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT-SAMPAIO, Sergio. El Silencio em la Musica. Ensayo. In: Revista Internacional Latinoamericana de Musicoterapia, vol.6, nº. 1, 2000.
- CALVINO, Italo. Palomar. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTILHO, Aurea. A Dinâmica do Trabalho de Grupo. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- COELHO, Lilian M. Engelmann. Marcas de Escutas na Formação do Musicoterapeuta. In: Anais do III Fórum Paulista de Musicoterapia, São Paulo, 2001, p. 19-22.
- CORREIA, Jorge S. Como comunicamos musicalmente? In: Actas de la V Reunión de SACCoM©2006 - ISBN: 987-98750-3-6, pp. 135-145.
- CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. A Teia do Tempo e o Autista: música e musicoterapia, Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- CUNHA, Rosemyriam. Escuta Terapêutica: sons, silêncios e palavras. In: Anais do III Fórum Paranaense de Musicoterapia. Associação de Musicoterapia do Paraná, 2001.
- ORLANDI, Eni P. As Formas do Silêncio. No Movimento dos Sentidos. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992.

107- Análise de canções num processo terapêutico grupal e interdisciplinar. Rafael Marrero Brignol/RS.¹

RESUMO

Este artigo refere-se a um trabalho que envolve psicoterapia e musicoterapia numa abordagem grupal e de forma interdisciplinar, onde a expressão verbal e a expressão musical se complementam. Em específico, aborda a função das canções "Pela Luz dos Olhos Teus" e "Valsinha" neste contexto terapêutico. As canções instrumentalizam o processo e fazem referência à história de vida de cada participante favorecendo a elaboração de seus problemas, o que faz desta modalidade de trabalho interdisciplinar uma interessante possibilidade de terapia.

Palavras-chave: Canções. Interdisciplinaridade. Musicoterapia. Psicoterapia.

ABSTRACT

This paper refers to a work involving psychotherapy and music therapy together within an interdisciplinary group approach, where verbal and music expression complement each other. It particularly pinpoints the role of two songs, Pela Luz dos Olhos Teus [By the Light of Your Eyes] and Valsinha [Short Waltz] within this therapeutical environment. Those songs instrumentalize the process and refer to the life story of each of the participants, favoring the facing of their problems, a role that makes this interdisciplinary kind of work into an interesting possibility for therapy.

Keywords: Songs / Interdisciplinarity / Music Therapy / Psychotherapy.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão "Psicoterapia e Musicoterapia numa abordagem grupal" é desenvolvido na Urcamp-Bagé (RS), atendendo à comunidade em geral, sem custos, através do Serviço Integrado de Psicologia Aplicada (Sipa). Em geral as integrantes são mulheres com idades entre 50 e 80 anos. É um grupo de característica heterogênea e com foco em pessoas aptas a uma psicoterapia em grupo. Os participantes são entrevistados para avaliar o motivo do encaminhamento e se têm as condições de participar dessa modalidade.

Trabalhos anteriores realizados sobre este projeto, que existe desde 2006, subsidiam o presente estudo. O canto é o elemento mais trabalhado e o repertório do grupo se constituiu ao longo do tempo com as escolhas individuais que passaram a ser coletivas. Uma análise do processo grupal trabalhado e das canções específicas: "Pela luz dos olhos teus" de Vinicius de Moraes e "Valsinha" de Chico Buarque e Vinicius de Moraes, músicas frequentemente solicitadas e cantadas pelas participantes são o objeto deste estudo.

¹ Graduando em Psicologia. Universidade da Região da Campanha – URCAMP. Bagé (RS). E-mail: rafabrig@yahoo.com.br

Nesta modalidade terapêutica, com a Psicoterapia e a Musicoterapia integradas, há uma nova constituição de métodos, que reunidos dão subsídios para o processo terapêutico que tem a interdisciplinaridade como base do projeto.

Este estudo usa como referenciais os autores que abordam tanto a Psicoterapia quanto a Musicoterapia. Analisando o processo grupal, Osório (2007) e Pichon-Rivière (2007) fornecem as bases para a práxis da grupoterapia. Na musicoterapia são utilizados os autores Benenzon (1988), Bruscia (2000), Milleco, Brandão e Milleco (2001), que auxiliam na análise musical e do processo musicoterápico.

2 Interdisciplinaridade

Neste contexto, a interdisciplinaridade é um elemento fundamental a se analisar. A Psicoterapia e a Musicoterapia são mescladas nas sessões. A predominância de uma sobre a outra é variável. As atividades se desenvolvem conforme a demanda do grupo. Há vezes em que são enfatizadas as verbalizações; em outras, a música é o elemento que prevalece, possibilitando que o paciente se expresse verbal e musicalmente.

A interdisciplinaridade surge como nova modalidade entre os dispositivos da modernidade, que tendem a uma ordem social através de uma purificação. Em meio à tentativa de purificar, é onde aparece o hibridismo, que ocupa o lugar da ambiguidade na sociedade moderna. O espaço do híbrido é considerado intermediário, não sendo pertinente aos parâmetros modernos. O exemplo básico dos princípios modernos é o de dispor as disciplinas em espaços separados. Diferente disto é a interdisciplinaridade que é o próprio campo híbrido. A musicoterapia se constrói através de uma práxis interdisciplinar e se constitui como uma forma híbrida na ciência (CHAGAS, 2008).

Segundo Bruscia (2000), é difícil delimitar fronteiras disciplinares na Musicoterapia, devido a sua natureza transdisciplinar. Ela aborda vários campos do saber, todas relacionadas à música e à terapia.

A Musicoterapia é oriunda do encontro entre os saberes, unindo ciência e arte. Dos saberes oriundos da ciência estão os campos do saber ligados à saúde como a Psicologia, a Medicina e a Neurologia. Dos campos ligados a música temos: a Musicologia, Estética e Educação Musical, entre outros. A música surge como uma forma de expressão instrumentalizando a terapia, que é constituída pelo saber científico (CHAGAS, 2008).

Com a mesma base interdisciplinar, a teoria sistêmica para grupoterapias vai de acordo com o novo paradigma que proporciona a troca entre disciplinas. O método sistêmico de grupoterapia vai romper com antigas convenções advindas da Psicanálise e propor um novo foco na terapia, que são as relações interpessoais.

3 Grupoterapia

As participantes do grupo relatam experiências e situações conflituosas que ocorrem em suas vidas. Expressam verbalmente ou musicalmente seus sentimentos, de acordo com a disposição que apresentam no momento. A abordagem grupal possui características baseadas na empatia terapeuta-cliente e na ênfase na interação do grupo em seu caráter relacional, com base no paradigma sistêmico encontrado em Osório (2007).

No grupo de Psicoterapia e Musicoterapia foco deste estudo, é abordado o caráter relacional do grupo. O grupo busca dar suporte para os integrantes em momentos difíceis. Quando os pacientes não apresentam uma problemática efetiva, o grupo serve para proporcionar qualidade de vida para a pessoa.

Segundo Osório (2007) a grupanálise de característica somente psicanalítica, que faz referência ao paradigma linear, dá lugar à prática interdisciplinar, que é incorporada no paradigma sistêmico da grupoterapia. Com a multiplicidade de referenciais teóricos, também a transdisciplinaridade proporciona alternativas de técnicas terapêuticas. Dessa forma, são utilizadas múltiplas práxis no contexto terapêutico.

A grupoterapia de enfoque sistêmico trata não somente da relação unilateral de terapeuta e cliente, mas trata dos processos de interação do grupo. O enfoque sistêmico faz parte de um novo paradigma na Grupoterapia. São priorizadas as relações grupais, vínculo entre os integrantes e o relato de experiências, utilizando estes aspectos como fatores terapêuticos existentes na vivência em conjunto (idem, 2007).

Ao trabalhar com um grupo, não se pode deixar de perceber o papel que as relações vinculares desempenham no processo terapêutico. Exaltando sempre sentimentos de confiança e integração entre os membros e demais profissionais. Neste trabalho, em específico, a base está justamente no vínculo estabelecido entre os membros.

Segundo Pichon-Rivière (2005), o processo vincular se dá na relação de grupo intersubjetiva, onde há o sujeito e o objeto, transmissor-receptor, contendo mensagens, um canal, sinais, símbolos e ruídos. A presença destes elementos forma a base da interação, onde são codificadas e decodificadas as mensagens. Assim, a relação vincular se processa em movimento dialético através da interação do grupo. O que vai determinar um bom ou mau vínculo são os sentimentos de gratificação ou frustração experienciados desde o princípio da relação. A saúde mental consiste na aprendizagem da realidade através do confronto, manejo e solução integradora dos conflitos.

As relações intra-subjetivas, ou estruturas vinculares internalizadas, articuladas num mundo interno, condicionarão as características de aprendizagem da realidade. Na medida em que o confronto entre o âmbito do inter-subjetivo seja dialético ou dilemático, essa aprendizagem será facilitada ou dificultada. (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 11).

O papel do terapeuta é o de facilitar a relação, o diálogo para que ocorra a integração e um ambiente propício à aprendizagem. A ferramenta utilizada para isto é a empatia. É usada na relação com o grupo, podendo haver uma empatia musical durante a utilização das técnicas da musicoterapia na sessão. As integrantes do grupo quando escolhem suas sonoridades para cantar ou tocar compartilham empaticamente seu mundo sonoro.

Para Kohut (1971), o indivíduo empático consegue se colocar no lugar do outro, percebe a alteridade através do processo de introspecção. A empatia é mais que um instrumento de trabalho para o terapeuta, ela é o elemento fundamental na observação e percepção do outro, pois só compreendemos o que empatizamos.

A música é um meio de empatia por excelência. Pois há uma vivência em conjunto, experienciando o mesmo fazer musical com o sentido de cantar em união pelo mesmo ritmo, compartilhando sentimentos, onde as emoções são refletidas entre os membros do grupo (BRUSCIA, 2000).

4 Musicoterapia e Análise do Conteúdo

A música e o ato de cantar estão intimamente relacionados à necessidade humana de expressar seu mundo interno, subjetivo. As emoções que não são manifestadas por vias discursivas, encontram uma forma simbólica, análoga ao sonho, à fantasia e ao chiste, de se expressar musicalmente. A música é a principal ferramenta terapêutica para estimular os processos criativos e a autoexpressão, ampliando também a capacidade comunicativa (MILLECO, BRANDÃO, MILLECO, 2001).

O canto é muito usado no processo terapêutico. Ao longo do tempo foi sendo formado um repertório de músicas no grupo, e são incorporadas outras conforme as escolhas individuais e coletivas. A identidade sonora grupal (Benenson, 1988) são as experiências sonoras consensuais entre um agrupamento de pessoas que está reunido por algum motivo. Nos grupos compostos por mais de três pessoas já pode se desenvolver uma identidade sonora, devendo haver um processo suficiente de tempo para que isto se estruture.

As letras das canções são analisadas pelo grupo, sendo investigada a relação que elas têm na vida de cada integrante. As participantes destacam trechos com que mais se identificam. Neste estudo destacamos duas músicas, "Pela luz dos olhos teus" e "Valsinha".

O repertório de músicas já trabalhados no grupo de Musicoterapia e Psicoterapia se constituiu segundo a identidade sonora deste grupo, e as escolhas individuais passaram a ser coletivas. As músicas se repetiam nas sessões, cantadas e tocadas. As integrantes cantavam utilizando ou não, instrumentos de percussão, acompanhadas pelo violão. Muitas músicas poderiam ser destacadas. No entanto, as analisadas têm características comuns, se referindo ao amor e ambas do gênero Valsa.

Na Canção "Pela luz dos olhos teus", analisamos a temática amorosa, a letra como expressão de desejos e o canto como recordação. Conforme Milleco e Col. (2001), o canto pode ser uma maneira de expressar os desejos conscientes e inconscientes. As letras são fontes ricas em conteúdo simbólico. Os desejos vão de acordo com os anseios de cada pessoa que se apropria e se projeta na canção de um artista popular de seu gosto. Os desejos são particulares, indo de acordo com o que o conteúdo simbólico da música representa para cada indivíduo. Pode-se desejar alguma experiência prazerosa vivida ou não.

A canção "Pela luz dos olhos teus" foi solicitada por uma integrante do grupo no dia dos namorados. Quando perguntado sobre o que cada indivíduo destacava na música e se recordava, houve uma série de respostas. As lembranças surgidas referiam-se a namorados ou maridos. A integrante C. relacionou a música ao seu marido falecido. Ela entrou no grupo após perdê-lo e menciona esta situação verbalmente, sempre após uma canção que a faça lembrar do fato. Ela se refere ao problema como algo passado, preferindo sempre coisas que levem ao sentimento de alegria do que à tristeza. C. nesta canção mostrou uma grande emotividade ao recordar momentos. Ainda que haja alguma evolução na elaboração de sentimentos, a saudade é sempre visível. A integrante M. relata sobre o romance com seu marido. Em ambos os casos foi manifestado o sentimento de querer estar ou viver com as pessoas lembradas. Estes relatos se repetiram igualmente em outras músicas.

Esta canção surgiu também em outros momentos do grupo. Observa-se que ela serviu para recordar momentos significativos da vida. Seguindo a temática amorosa da música, Milleco, Brandão, Milleco (2001) destacam que no canto amoroso as letras falam essencialmente no amor e remetem a relacionamentos. O conteúdo das letras pode mostrar tanto o conteúdo latente (inconsciente), como o conteúdo manifesto (consciente).

Segundo Bruscia (2000), no processo da musicoterapia o terapeuta faz uso da música para fins terapêuticos e as intervenções concentram-se no som, beleza e criatividade. Através disto, o terapeuta utilizará sua compreensão, reconhecimento e reparação. São desenvolvidas formas verbais e não-verbais, na interação e comunicação, que ao longo do processo irá proporcionar insights acerca de si mesmos.

Na música "Valsinha" se observa novamente os mesmos tipos de canto, pois é uma canção de temática amorosa que pode ser cantada para recordar momentos e ainda manifestar desejos. Quando questionadas sobre a música, as integrantes relataram experiências lembrando da adolescência. A integrante M. lembrou novamente do romance com seu namorado e, sugestionados com a letra que remete a um encontro em uma praça, falaram de quando namoravam. A integrante C. e N. também acompanharam dessa forma as lembranças. Fugindo da temática sugerida pela música, a integrante R. lembrou de sua filha. Esta canção de cunho amoroso também fala de uma certa redenção entre os personagens existentes na letra da música. A filha de R. não tem um bom relacionamento com ela. R. diz que a filha não demonstra qualquer manifestação de afeição por ela e também relata que tenta reatar a relação com a filha que a evita. É através da música que ela manifesta este desejo, expressando seus sentimentos quanto a sua problemática. Esta música se repete em sessões seguidas e R. diz ser a canção que mais gosta. Assim, vemos o desejo de resolução do problema através de uma série de pedidos repetidos, sempre revivendo a situação através da música. Os problemas amorosos e familiares são os relatados pelas participantes. No entanto, nem sempre existe uma queixa efetiva. A música vai potencializar a catarse e a expressão dos sentimentos. As problemáticas envolvem terceiros (familiares, namorados) que na terapia pode ser de difícil solução. Ela vai ajudar a os indivíduos a elaborar internamente os problemas, porém, as demais partes envolvidas tornam as situações conflituosas serem de difícil resolução. Assim, a repetição da música é uma forma de retomar os conflitos que em horas tentam ser esquecidos. A dinâmica do grupo impede que se forme um círculo vicioso em torno do problema, pois pode haver uma tendência a cair em uma série de repetições contrárias ao crescimento pessoal de cada um.

Na musicoterapia, segundo Bruscia, a música promove forças dinâmicas de mudanças.

Musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudanças (BRUSCIA, 2000, p.40).

CONCLUSÃO

A base interdisciplinar acompanha os novos paradigmas da ciência. Assim, este

trabalho foi construído com a ideia de mostrar os frutos do que surge dentro do projeto Musicoterapia e a Psicoterapia numa abordagem grupal, de modo a fazer com que este contribua para o processo terapêutico. Com uma análise feita através de estudos prévios do grupo observamos uma grande integração entre os membros.

Com análise das canções podemos estudar aspectos valiosos no processo terapêutico. Nas canções ocorre a expressão de sentimentos próprios de cada integrante, na recordação de momentos vividos, podendo as participantes se expressarem através de verbalizações concretas ou somente através do conteúdo simbólico da letra da música. Ambas as músicas possuem a temática amorosa, contudo, nem sempre o sentimento de amor é em relação ao romance e sim à ligação afetiva entre pessoas, como o laço mãe e filha. Com a repetição destas canções durante sessões seguidas, percebe-se a tentativa de reaver uma problemática com o objetivo de buscar soluções ou meramente conduzir a lembranças boas, significativas. A dinâmica do grupo faz com que exista um aprendizado com a troca de experiências. Assim, as interações se dão de forma dialética. Melodicamente temos na Valsa o ritornelo, havendo uma constante repetição sonora. As músicas potencializam a catarse, pois os relatos feitos após o canto são sugeridos conforme o tema da canção. A Psicoterapia e a Musicoterapia encontram pontos-chaves para obter uma complementaridade entre os métodos. Esta modalidade terapêutica passa a constituir um novo método dentro do campo híbrido da ciência.

REFERÊNCIAS

- BENZON, Rolando. Teoria da Musicoterapia contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. 2ed.. São Paulo: Summus, 1988.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2.ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. Musicoterapia desafio entre a Modernidade e Contemporaneidade. Rio de Janeiro: BAPERA Editora Ltda, 2008.
- Análise do Self. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1971.
- MILLECCO, Luís Antônio; BRANDÃO, Maria Regina; MILLECCO, Ronaldo. É preciso cantar musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.
- OSÓRIO, Luis Carlos. Grupos terapêuticos abordagens atuais. Porto Alegre: Artmed 2007.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O Processo Grupal. 7ed. São Paulo: Martinsfontes 2007.

108- Pesquisa-ação em musicoterapia: identificando e configurando a prática de investigação na educação. Sandra R. do Nascimento/GO¹, Carolina G. Gomes/GO², Elisama B. Brasil /GO³.

¹ Musicoterapeuta, Coordenadora e Supervisora-clínica de estágio do Curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas/UFG. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/FE/UFG E-mail: srochakanda@hotmail.com

² Musicoterapeuta formada em 2008 pela EMAC-UFG, atua na área da educação, atualmente é mestranda do curso de pós graduação em Música (EMAC-UFG), bolsista do CNPq e faz parte do grupo de Pesquisa do NEPAN – UFG de Musicoterapia e educação. É tesoureira da Sociedade Goiana de Musicoterapia. Email: carolggomes@hotmail.com

Currículo lattes:

https://www.cnpq.br/curriculoweb/pkg_menu.menuf_cod=11EBFE4291D1025B922B3D602B72CEAB

³ Musicoterapeuta graduada pela Escola de Música e Artes Cênicas da UFG.

Email: elisbrasil26@yahoo.com.br.

Currículo lattes: www.prppg.ufg.br ou <http://lattes.cnpq.br/>